

A SAPATARIA PORTUGUEZA

Jornal profissional interessando a industria do calçado, e outras que lhe são correlativas

Órgão da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado

ADMINISTRADOR: J. A. Fernandes Junior — REDACTOR PRINCIPAL: Manoel Gomes da Silva — SECRETARIO: Victor Gomes

Assignaturas	REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO	Annuncios
Porséries de 6 ou 12 num. (cada num.) 30 réis	Travessa de S. Nicolau — 12, 2.º D.	Cada linha..... 20 réis
Provincias, idem..... 40 "		Quando acompanhado de desenhos, gravuras, modelos ou moldes, será augmentado o preço da assignatura do jornal.
Estrangeiro e Colonias, idem..... 50 "		
Brazil, idem..... 60 "		

EXPEDIENTE

O nosso escriptorio mudou-se para a travessa de S. Nicolau n.º 12, 2.º D.

Os srs. assignantes darão aviso, se tiverem mudado de habitação. Aquelles, a quem tiver faltado a entrega de algum numero do jornal, com a sua reclamação lhe será outro enviado.

O começo das assignaturas conta-se sempre desde o 1.º de janeiro ou 1.º de julho, e o pagamento deve ser feito adiantadamente.

Prestarão bom serviço aquelles assignantes que promoverem a inscripção de outros; o jornal precisa augmentar o numero de folhas ou as vezes de publicação mensal, é constante o abandono de original, artigos e noticias interessantes que deixamos de publicar, do que continuaremos a pedir desculpa aos nossos bondosos correspondentes e colaboradores.

O Capital Brasileiro.

NUNCA nos foram indifferentes os acontecimentos no Brazil, o nosso paiz acha-se ligado a elle por mais de uma razão. Os nossos patricios que alli preponderam em grande numero, pelo seu trabalho e riqueza auxiliam o seu enorme movimento commercial e industrial, e por isso tambem são elles interessados na politica d'aquella nação.

A abolição da escravatura e a mudança das instituições politicas foram assumptos da maior transcendencia que preoccuparam os animos por muitos annos. Entretanto o trabalho não cessava no seu grandioso commercio, e as principaes nações da Europa teem procurado sempre exploral-o, e os norte-americanos o desejam alcançar em seu unico proveito.

Actualmente se observa que reina alli uma febre de trabalho, que cresce vertiginosamente pela multiplicação de fabricas e emprezas, destinadas a duplicar em breve a riqueza publica. O capital e a politica contribuíram para semelhante situação, é certo.

Um opulento capitalista passando agora por Lisboa, interpellado por um nosso jornalista explicou o facto da forma seguinte:

«O Brazil possuia immenso capital retrahido. As causas d'esse retrahimento são simples de indicar. A principal era o receio em que se andava ha alguns annos de uma crise provocada pela abolição da escravatura. Todos imaginavam que no dia em que se libertassem os escravos, o Brazil atravessaria uma crise economica, terrivel. Veio a abolição, e a crise economica não se declarou. O Brazil nada soffreu com essa lei libertadora. Mas logo acudiu ao espirito de muita gente que tambem o Brazil, mais cedo ou mais tarde, soffreria fatalmente uma mudança de instituições. Quando?... Diziam uns que esse facto só se daria depois da morte do imperador; outros, que a revolução podia rebentar ines-

peradamente. E quem podia calcular quaes os effeitos de semelhante acontecimento? Outra causa de retrahimento... Quem poderia affirmar que a revolução se havia de fazer sem sangue e sem uma guerra civil?... De repente, surge a Republica. E os capitaes, passado o momento da surpresa e da anciedade, viram que o Brazil retomava a sua serenidade habitual. Que mais havia a temer?... Mais nada. Nem mais perigos, nem mais receios. E eis a razão por que agora os capitaes se lançam na especulação bancaria e industrial, a tal ponto que nem já ha casas no Rio de Janeiro para tantos bancos que se fundam, e tantas companhias que se criam!...»

Acceptamos a explicação. Ninguem duvida, nem mesmo aquelles que não acreditaram n'ella, que a nova forma de governo no Brazil já não volta atraz. A federação dos diversos estados é precisa e não se destruirá. Portanto desde que a confiança existe, o capital entregou-se francamente para dar maior desenvolvimento ao commercio, á industria e á lavoura.

Effectivamente o capital era extraordinario. No anno findo foram organisadas sociedades anonymas e companhias com o capital nominal de um milhão 342 mil 306 contos e 600 mil réis; do qual quando apenas se chamem cinco por cento serão 671 mil contos de réis entrados no movimento industrial!

Não nos admira que a actividade do trabalho crescendo assim, o Brazil attraia a entrada de emigrados de outras nações, aonde a ruim politica e o retrahimento do capital tornam pouco feliz ou miseravel o viver dos povos. Portugal, desgraçadamente, está comprehendido n'esse numero. Devemos semelhante estado a uma serie de governos, que não teem sabido ou não teem querido fazer politica mais proveitosa.

O capital brasileiro, e o de portuguezes residentes no Brazil, não se limitam á sua accção sómente dentro d'aquelle paiz. Felizmente e ainda bem meditam chegar até nós.

Uma carreira de paquetes com a bandeira brasileira se creará para atravessar o Oceano Atlantico até Lisboa. Vergonha para ti Portugal, que devias ter cuidado d'isto, antes, e mesmo antes de te servires dos barcos inglezes, francezes e allemães, aos quaes tens pago enorme tributo em transportes de passageiros e mercadorias.

Um banco ou succursal de um poderoso banco brasileiro será installado em Portugal. Venha elle e quanto antes, já que o capital portuguez continúa na maior parte retrahido por que não confia na politica, e porque deante do descontentamento do maior numero, e da pouca fé de todos, não sabe o que succederá amanhã.

O extensissimo campo do trabalho nacional abandonado pela indifferença ou receios do capital portuguez fornecerá applicações seguras, uteis e lucrativas ao capital brasileiro.

Associação Industrial dos Lojistas de Calçado

Officio de agradecimento ao sr. ministro da marinha

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — Tendo a portaria de 4 de dezembro p. p. recommendado aos srs. Governadores das Provincias Africanas, de se attender de preferencia nos fornecimentos do estado aos productos da industria nacional, especialmente n'aquelles correspondentes a vestuario e calçado das praças de pret, os abaixo assignados, representando a Associação Industrial dos Lojistas de Calçado agradecem a V. Ex.^a a promptidão como attendeu á reclamação que pessoalmente lhe fizemos no dia 28 de novembro ultimo, em que tivemos a honra de conferenciar com V. Ex.^a sobre o caso de estar sendo feito pela industria ingleza o fornecimento do calçado para os nossos soldados da Africa Oriental; podendo certificar a V. Ex.^a que os corpos gerentes da nossa Associação se preparam para no primeiro fornecimento, que for annuciado, a industria que representamos concorrer á licitação na esperança de poder satisfazer a todas as condições que se exigirem.

Deus guarde a V. Ex.^a

Lisboa e casa da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado, travessa de S. Nicolau n.º 12 2.º D, aos 5 de março de 1891.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Antonio José Ennes, digno ministro da marinha.

A comissão,

Manuel Gomes da Silva, (presidente)
João Climaco de Sousa Marques
Joaquim Antonio Gomes Raposo Junior
José Antonio Fernandes Junior
Manuel Fernandes Vellozo.

A portaria a que se refere este officio encontra-se adeante a pag. 24.

Situação da Industria da Sapataria

Explicada e desenvolvida nas respostas aos quesitos do questionario elaborado pelos corpos gerentes da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado.

(CONCLUSÃO)

Terminando esta nossa exposição, julgamos haver-nos referido aos variados assumptos, que interessam á sapataria, tanto na parte industrial, como na parte commercial, tanto nas suas materias primas, como na sua fabricação, tanto na importação como na exportação, apresentando as difficuldades com que luctam os individuos que n'ella se occupam, fornecendo numerosos esclarecimentos para encaminhar os que podem, queiram ou devem contribuir com trabalho e providencias para elevar e engrandecer um ramo da industria nacional, que occupa dezenas de milhares de individuos, e na qual se applica capital avultadissimo.

Os abaixo assignados, entregando esta exposição á illustre direcção da Associação Industrial Portuguesa, espera que ella refecede e auxilie a tarefa da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado, a que pertencemos, e que foi fundada para realisar, dentro do possível e com os elementos de que poder dispor, os melhoramentos da sua classe.

Lisboa 27 de novembro de 1890.

Manuel Gomes da Silva — Alfredo Dias de Souza Carvalho — José Antonio Fernandes Junior — João Climaco de Souza Marques — Gregorio Mendes — Torcato Ramos de Novaes — Luiz José Nunes — Francisco Dias de Souza — José Bernardino dos Reis — João Ricardo do Souto — Narcizo José Nunes — José Julio Climaco Marques — Julião Antonio Gomes Raposo — Joaquim Antonio Gomes Raposo Junior — Alberto Carlos Gomes Raposo — João Damasceno de Moraes Simões — Victor Manuel Gomes da Silva — José Alves Busca — Daniel Fernandes — Rufino & Filho — Joaquim Jeronymo da Silva — Joaquim Alves de Salles — José Antonio Ramos — Cazimiro Antonio Fernandes — Jacob Ferreira da Silva — Gil Marcelino Nunes — viuva de Alexandre de Faria & Filhos — Possidonio Joaquim Ferreira — Augusto Pedro da Silva — Joaquim Antonio Alves — Francisco Ribeiro dos Santos Lima — Manuel Pires — João Antonio André — João de Souza Ferreira da Silva — Antonio Rodrigues Baeta — João Arriaga — Antonio Joaquim da Fonseca — Adão Duarte — José Duarte Laureano — José Luiz Fernandes Salgado — João Carlos Barroca — Joaquim Pedro — João Antonio de Brito Junior — João Ignacio Madeira — Alexandre Antonio Marques

— Manuel Fernandes Vellozo — Viuva Rosa & Filho — João Correia Medina — Julio Marques Ferreira — Francisco José da Rocha — Alfredo Francisco Cartaxo — José Antonio Coimbra — Manuel Aives Verissimo.

N. B. A tabella de taxas para o calçado, que se acha na resposta ao 14.º quesito foi posteriormente substituida de accordo com a Associação Portuense, pela tabella que se acha a pag. 23 d'este jornal.

Visita agradável e proveitosa

As relações da nossa Associação com a dos nossos collegas do Porto tem sido as mais amigaveis possível. De parte a parte nos auxiliamos e nos havemos entendido na melhor harmonia, desde que o alvo commum é o melhoramento da nossa industria, e a defeza dos nossos legitimos interesses.

N'esta occasião em que váe terminar um tratado de commercio que durante 22 annos tem prejudicado muitas industrias portuguezas, não escapando de ser bastante ferida a da sapataria, n'esta occasião em que nações adiantadas em industria proclamam a necessidade do protectionismo para se precaverem da concorrência reciproca com que se hão prejudicado nos ultimos tempos, n'esta occasião em que o governo portuguez, o qual sempre ao tarde e arrastado pela influencia estranha, se decide a deliberação sobre os graves assumptos, parece tambem inclinar-se á protecção do trabalho nacional reformando as pautas n'esse sentido, não podiamos nem deviamos nós, os industriaes da sapataria, ser indifferentes á tarefa official e extra-official que preoccupa presentemente muitos dos nossos homens que mais se interessam ou trabalham na resolução d'estes negocios.

As duas associações de Lisboa e Porto responderam ao Inquerito Industrial, acudiram ao chamamento do Conselho Superior das Alfandegas, e tambem se dirigiram á Commissão Revisora das Pautas Coloniaes.

O nosso collega o sr. João Pinto, distincto fabricante de calçado no Porto, na rua do Cedofeita, exercendo o cargo de presidente da direcção da Associação Portuense, offereceu-se aos seus collegas e consocios para vir a Lisboa advogar a sua e nossa cauza, entendendo-se com os corpos gerentes da Associação Lisbonense.

No dia da sua chegada a Lisboa, no dia 2 do corrente, uma nossa comissão composta dos srs. Climaco, Coimbra, Carvalho, Arriaga, Fernandes, e Gomes da Silva o foi esperar á gare a Santa Apollonia.

E desde esse dia foram diarias as conferencias e visitas, já algumas horas dedicadas a manifestações de amizade e sympathia, já outras aos trabalhos reunidos para encaminhar as justas reclamações da nossa classe perante os poderes superiores.

No dia 4 os presidentes das duas associações conferenciaram no Conselho Superior das Alfandegas com dois dos seus distinctos membros os ex.^{mos} srs. Emauz e Mattoso dos Santos, e durante duas horas se discutiram as allegações e pedidos contidos na representação de que foi portador o collega portuense.

Em vista das observações que então nos foram feitas, na sexta feira 6, na casa da Associação, perante uma numerosa concorrência dos nossos socios, se discutiu a alteração a fazer nas taxas, e nomenclatura dos diversos artigos a propôr para substituir as duas taxas existentes na tarifa em vigor.

No dia 10 os dous representantes das nossas Associações eram delicadamente acolhidos pelo Ex.^{mo} sr. Conselheiro Henrique de Barros Gomes, digno vice-presidente da Commissão Revisora das Pautas Coloniaes, e n'esta conferencia se trocaram numerosos esclarecimentos sobre as nossas pretensões quanto aos mercados africanos. O Ex.^{mo} sr. Barros Gomes affiançou que na commissão havia bastantes defensores do trabalho nacional e por isso no projecto da pauta de Cabo Verde, este continha mais vantagens para a metropole do que na pauta que está vigorando.

Devemos confessar que nos anima a esperança de que, de tantos esforços que havemos empregado resultará algum proveito á nossa industria.

No domingo 8 os nossos collegas e consocios quizeram em um passeio a Cascaes, e jantar no Hotel Florindo honrar o collega portuense. Assistiram e acompanharam do nosso lado os srs. Climaco, Fernandes, Arriaga, José Salgado, Raposo, e Gomes da Silva, não permitindo o dia chuvoso que o grupo fosse mais numeroso.

O nosso collega João Pinto no dia 11 que destinára para recolher ao seio de sua extensa familia, penhoradissimo como confessou sentir-se pelo nosso benevolente acolhimento, quiz em um jantar de despedida no London Hotel em Lisboa, e ao qual poderam concorrer oito dos nossos os srs. Climaco, Fernandes, Coimbra, Carvalho, Possidonio, Torcato, Arriaga e Gomes da Silva, agradecer as nossas attentões de que pessoalmente foi alvo, e a coadju-

vação no interesse da classe que encontrou nos corpos gerentes da Associação Lisbonense.

Em ambos os jantares no seu final os brindes foram numerosos, dedicados á prosperidade e bom accordo das duas associações, ao trabalho nacional, á industria portugueza, á prosperidade da industria de calçado, aos collegos portuenses, e especialmente aos dois secretarios Julio Gomes e Veiga da sua associação, á cidade do Porto, á imprensa, a cada um dos presidentes das duas associações, aos seus corpos gerentes, e individualmente a cada um dos presentes e suas familias.

A gare da estação de Santa Apollonia, os nossos acompanharam o nosso visitante, e no comboio das 9 da noite elle seguiu e ainda sendo acompanhado no comboio até Sacavem por seis dos nossos collegas Climaco, Coimbra, Carvalhal, Torcato, Arriaga e Raposo, o qual apparecera mais tarde.

Boa Viagem lhe foi desejada, e depois do ultimo adeus, os nossos recolheram á casa da Associação, onde alguns trabalhos sociaes os chamavam ainda.

Graças á benéfica influencia do elemento associativo, a nossa classe se une para o bem da nossa industria, aproveitando o interesse individual, o interesse collectivo da corporação e com este o melhoramento economico do paiz.

Ao jantar de despedida concorreram tambem os srs. Castello Branco e sua esposa, João do Rio, Andrade Neves e outros cavalheiros amigos do sr. João Pinto, que ajudaram a augmentar a animação da reunião.

Cooperativa Industrial dos Lojistas de Calçado

Damos em seguida o balancete fechado em 31 de janeiro. O movimento de entradas de capital, e as vendas das fazendas verificam-se regularmente. A 6.ª prestação por conta do capital cobra-se no corrente mez. Os fornecedores não são rogados de dar creditos, mas a maior parte demoram as suas cobranças, e por isso no passivo apparece a conta de credores. As vendas em janeiro foram apenas as que se realisaram em nove dias, depois do dia 22, data da installação da sociedade.

Aos socios assiste o direito de receberem fazendas a credito até 80 por cento do seu capital entrado. Tem-se feito vendas em parcelas menores, a direcção procura facilitar aos socios a aquisição das fazendas.

Por enquanto a direcção tem-se reunido ás segundas, quartas e sextas feiras, das 10 ás 12 horas da noite, e de dia e em todos os dias o director thesoureiro se promptifica a attender a qualquer requisição.

BALANCETE EM 31 DE JANEIRO DE 1891

Activo

Socios	3:548\$000
Caixa Geral dos Depositos.....	366\$000
Monte-Pio Geral.....	325\$000
Caixa	149\$080
Fazendas Geraes.....	529\$665
Devedores.....	12\$600
Gastos de installação.....	61\$995
Gastos Geraes.....	31\$940
Movéis e utensilios.....	5\$220
Reís.....	5:029\$500

Passivo

Capital.....	4:420\$000
Credores.....	608\$705
Juros.....	795
Reís.....	5:029\$500

Os Directores,

*José Antonio Coimbra,
José Antonio Fernandes Junior,
João Climaco de Sousa Marques.*

Secção Industrial

Calçado de infantaria

Extrahido do artigo do Ex.º sr. Antonio Luiz Teixeira Machado, capitão de infantaria, publicado no n.º 52 da Revista das Sciencias Militares.

«Se ha problema em que a hygiene e a industria não tenham dito a sua ultima palavra, em que não tenham ainda encontrado

a incognita, é seguramente aquelle do calçado, que prosegue de perfeição em perfeição pelo que se refere á elegancia, mas que, n'esse mesmo progresso se afasta, muitas vezes a largos traços, do que diz respeito á hygiene do pé. A moda entra successivamente na officina de sapateiro, a sciencia nunca; quer-se corrigir a obra da natureza, transformar as condições anatomicas do pé, fazer d'elle uma coisa, que se tem por mais bonita, mas que não será de certo a que por melhor se possa ter para a estação (1) e para a marcha.» (2)

«Ensinar a fazer o calçado em condições recommendadas pela hygiene, á luz da sciencia, como quem comprehende o que é e para que serve o pé, como quem sabe os movimentos physiologicos da marcha, deve ser encargo dos medicos militares.» (3)

E' pois audacia que um estranho ás sciencias medicas se atreva a occupar-se d'esta importante e difficil questão. O dever profissional, porém, obriga-nos a isso, e os competentes, comprehendendo de certo as razões que a tanto nos impelliram, como homens de sciencias superiores a sentimentos mesquinhos, com certeza perdoarão ao intruso e benevolmente desculparão os erros naturaes em profano.

Reconhecendo a necessidade da intervenção dos medicos militares n'estas questões, é evidente que o sentimento que nos leva a estudar assumptos da sua competencia dá-nos jus á sua benevolencia, com que aliás contamos.

Sem bom calçado é impossivel fazer a guerra. Não são os braços, mas sim as pernas dos soldados que ganham as batalhas, dizia o marechal de Saxe.

Napoleão exprimia o mesmo parecer com uma pequena variante na fórma, dizendo que fazia a guerra não com os braços, mas com as pernas dos soldados, e n'estas estava toda a tactica para o grande Frederico.

Na opinião de Wellington duas coisas são essencialmente necessarias ao soldado: «[Um par de bons sapatos nos pés e um par de bons sapatos na mochila.»

O marechal Niel, n'um discurso pronunciado em 1868 no parlamento francez, disse que: «O calçado tem para a infantaria a importancia que os cavallos tem para a cavallaria», e mais até na nossa opinião. De cavallaria sem cavallos ainda restam homens; soldados sem calçado apenas são tropeços. Ai da rainha das batalhas, se ella tiver os pés de barro!

O marechal de Saxe tambem dizia que a nação que der aos seus soldados o melhor calçado terá sobre o adversario a immensa vantagem de os conservar sempre promptos para marcharem.

E convém não esquecer que o soldado hespanhol marcha bem. Socorremo-nos com argumentos de auctoridade, porque não parece que a opinião publica em Portugal se preocupe muito com o calçado da infantaria. Do habito de conservar esta arma sob tutela resulta que as suas questões capitaes não se estudam. Os tutores não curam, porque não se interessam; os tutelados descaram, porque se desinteressam. Que ao menos fique lavrado um protesto.

O calçado sob o ponto de vista da accommodação na mochila, do volume e do peso é um factor que deve ser considerado antes de determinar um modelo de equipamento, e essa razão seria bastante para exigir o seu estudo. Ha porém outras mais ponderosas que tornam indispensavel que d'elle nos occupemos.

A velocidade dos fogos e a mobilidade são dois factores essenciaes da guerra e a nossa infantaria é incapaz de marchar.

Todos os officiaes de fileira sabem que essa é a triste realidade que não convém, e até é um crime de leso-patriotismo occultar.

(Continúa.)

Secção Commercial

Negocio de calçado

Passou o fevereiro desanimado na nossa classe. O carnaval conheceu-se nas lojas pela procura de sapatinhos economicos para creanças e sapatos leves com salto de pau, os quaes para custarem menos dinheiro já os procuram sem os laços; estes as jovens senhoras se propoem a arranjal-os em casa. Foi bastante economico o carnaval, como se está sendo para tudo, quanto não seja a comida, na qual até os mesmos merceiros reparam na diminuição do negocio!

O trabalho foi bastante fraco, os operarios e os obreiros não foram muito favorecidos de obra. Exportação insignificante. Não teve melhor principio o março!

Offerecem-se mestres e ajudantes de córte disponiveis. Procuram trabalho maquinistas e costureiras, as quaes actualmente vão tambem querendo trabalhar independentes em suas casas.

(1) Estação é o estado de equilibrio em que o corpo se mantém durante algum tempo, sem se deslocar.

(2) Dr. Cunha Belem—*Gazeta dos Hospitaes Militares* n.º 97 de 15 de janeiro de 1881.

(3) *Ibidem*.

Mercado de couros

Lisboa, 28 Fevereiro. — COUROS, o deposito está reduzidissimo; contudo não ha nem alta de preços, nem mesmo animação para compras, isto em consequencia do desanimo em que estão os fabricantes por falta de vendas de sola, que continua completamente desatendida. VAQUETAS, não são procuradas. (Commercio de Portugal.)

Noticias do Porto

Escreve um nosso correspondente em data de 10 — Os negocios por cá estão pessimos, estou fazendo apenas um terço do que antes fazia. Os bancos negam-se a descontos, dizem precisar prevenir-se contra as eventualidades futuras. Falta de dinheiro é o que isto significa. Aproveitando as passagens gratuitas teem emigrado para o Brazil alguns sapateiros, e consta que irão ainda mais!

Secção Noticiosa

Obras em predios. — Já n'ellas o trabalho começou a abrandar. Cautella pois, os operarios da provincia não venham illudidos pela influencia de obra que durou bastante tempo. O capital, como sempre, corre em abundancia para um lado, uma certa applicação, afinal cria uma crise, e diminuição de lucros. As habitações para rendas elevadas hão de ficar bastantes de voluto se as difficuldades da vida forem crescendo, como tudo faz crer. Não teem havido disposição para as habitações de rendas menores hão de lá chegar os capitalistas, ainda que seja mais tarde.

Subscrição nacional. — Não concordamos na sua applicação em navios de pequeno valor, mas sim em proteger o transporte e collocação de colonos na Africa Oriental, em quaesquer auxilios, como agora aos voluntarios de Lourenço Marques, e em tudo quanto seja precaver-nos contra os manejos e usurpações dos nossos infieis alliados britannicos.

Carestia das casas. — Disse um jornal que alguns empregados publicos, cujos ordenados não excedem a 500000 réis resolveram pedir ao governo algum convento extinto da capital para n'elle se alojarem com as suas familias! Deve ser bastante difficil o viver d'estes empregados para sustentarem familias, com a carestia da alimentação e da habitação. O ultimo ministerio regenerador para acudir a estas difficuldades achou bom o imposto adicional de 6 por cento!

Projecto Eduardo Abreu. — Recebemos um exemplar, que fica sobre a meza do gabinete de leitura da nossa Associação.

O seu alvo é economia, dando golpe desapiedado no maldito deficit. Para principio de *vida nova* merece estudo, e devemos louvar a intenção. Foi desatendido pela camara dos srs. deputados, esta deliberação não causou surpresa. Decididamente os notaveis nos desacertos da *vida velha* não são os que mostram mais animo de encetar a *vida nova*. Não fazem bem.

Quelimane. — Foi nomeado governador d'este districto o sr. D. Nuno Maria de Figueiredo Cabral da Camara.

Calçados velhos. — Somos informados de que todos os mezes no hospital de S. José se procede á venda das roupas e calçado dos doentes falecidos, que para as roupas ainda ha alguma beneficiação, mas no calçado absolutamente nenhuma. Admira como em um estabelecimento, onde reina a sciencia medica e hygienica se fecham os olhos a isto. Os calçados que foram usados por certa qualidade de doentes, não poderão ir causar doenca aos que ainda o usarem depois? A não ser inutilizado inteiramente o calçado dos doentes fallecidos, julgamos que devia soffrer algum processo que obstasse á transmissão de doenças, e isto ainda dentro do hospital.

Leilão no dia 18. — Na secretaria do conselho administrativo do commando geral de artilheria, de atanado secco, escorrido, e engordurado em retalho, anta ingleza, sola verde em retalho, carneiras brancas, patronas com cartucheiras, etc.

Correio de Loanda. — Recebemos os n.ºs 50 a 54 do *Correio de Loanda*. Este jornal entrou no segundo anno de existencia. No 1.º de janeiro chegou a Loanda o vapor S. Thomé, conduzindo os individuos que faziam parte do batalhão patriótico vindo do Brazil. Deu-se-lhes casa e o mais preciso até se arrumarem.

Casas para operarios. — O ministro do commercio da Allemanha ordenou a construção em Lichtenberg de 4.000 casas para operarios. Cada predio custará 4.000 marcos; cada operario que o habite depositando 300 marcos póde depois ser o proprietario d'essa vivenda.

Correiros. — A Companhia de Carruagens Ripert, ao Rego, precisa de correiros para carruagens.

Ouro que vem, mas que logo vae. — No anno 1890 teve o Banco de Portugal de importar ouro (em libras e em barras) no valor de 13.382 contos de réis. O banco com isso e com o recurso cambial supportou um prejuizo de 165.990.976 réis. Consequencias do balanço commercial (importação e exportação) nos ser desfavoravel. Muita gente ignora os inconvenientes que nos causa comprarmos mais fazenda estrangeira, do que exportar nacional. Ajuda a encobrir tal deficit o valor cambial que nos envia o Brazil quando o cambio não é demasiadamente baixo.

Arrematação. — O fornecimento de calçado para o batalhão de caçadores n.º 1 d'Africa Occidental, quartel em Bolama (Guiné) vae ser posto em praça no dia 30 de abril, por espaço de um anno a começar no dia 1.º de junho proximo. A licitação verifica-se em Bolama na sala das sessões do conselho administrativo do dito batalhão. O anuncio é assignado pelo secretario do conselho, Manuel Cesar de Oliveira, alferes.

Outra arrematação. — A repartição de fazenda provincial de Angola, em anuncio assignado pelo inspector de fazenda interno Alexandre Seyero C. Fortes, publicado no *Diario de Noticias* de 28 de fevereiro, avisa para 9 de maio proximo a arrematação do fornecimento até 30 de junho de 1893 de varios artigos, entre elles de carneiras francezes de cores diversas, ditas portuguezes (cordovões) de cores diversas, ditas pardas, ditas sumagre.

Não comprehendemos para que sejam indispensaveis as carneiras de origem franceza!

Outra arrematação. — No dia 6 de maio em S. Vicente, no quartel da policia de Cabo Verde, e perante o seu conselho administrativo se procederá á arrematação do fornecimento de varios artigos, entre os quaes se incluem *sapatos*. O anuncio publicado no *Diario de Noticias* de 12 do corrente, é assignado pelo secretario do conselho, Guilherme Reginald Morbey, 1.º sargento.

Contribuição de renda de casas. — A contar de 3 de março e com o augmento de 3 por cento se conta novo prazo de 30 dias para o pagamento da contribuição de renda de casas relativa ao semestre ultimo.

Visita de collega. — Tivemos o prazer de recebermos a visita do nosso collega de Salvaterra de Magos o sr. José Maria Gonçalves, o qual se prestou a auxiliar na sua localidade o nosso jornal, como seu correspondente e agente, o que agradecemos.

Fabrica de Fainças. — Despediu operarios e suspendeu a sua laboração a fabrica de que é director o sr. Bordallo Pinheiro.

Cooperativa dos officiaes da Praça d'Elvas e Forte da Graça. — Reuniu a sua assembléa geral na casa das Barcas (Elvas) no dia 25 de fevereiro para discutir o relatorio da direcção e o parecer do conselho fiscal.

E' secretario da assembléa geral o sr. Arthur Heliodoro Felix Dubraç.

Está malito el señor. — A distincção que na lingua castelhana se faz entre *embriaguez* e *borrachera*, está nitidamente expressa no seguinte profundo e espirituoso dito: *Quando se embriaga um pobre, le llaman el borrachon; cuando se emborracha un rico, está malito el señor.*

Inscrições da Junta do Credito Publico. — Em 30 de junho de 1889 existiam averbadas em nome de

Associações.....	1.149.300\$000
Caixa de soccorros da Imprensa Nacional.....	16.000\$000
Caixas Economicas.....	1.100\$000
Monte-pios.....	4.230.600\$000
Sociedades.....	415.850\$000
Viuvas e orphãos da Sociedade dos Artistas Lisbonenses.....	900\$000
	<hr/>
	5.813.210\$000

Se as associações e monte-pios não possuem dous edificios pelo menos em Lisboa, para as suas reuniões e trabalhos associativos, gabinetes de leitura, bibliothecas, e até escolas profissionais não é porque não possuam capital proprio que podiam a isso applicar.

Brockton (America.) — As suas fabricas de calçado em 1889 expediram pelas suas trez estações de caminhos de ferro 36.155 caixas com calçado, em 1890 a estatistica dá o numero de 469.607 caixas. O desenvolvimento industrial dos Estados Unidos tornar-se ha cada vez mais forte.

O ferrador. — Conta o nosso collega *Wiener Allgemeine Schumacher Zeitung* esta anedocta. Mandou um professor chamar o sapateiro para lhe tomar medida. Este entrando o encontra absorvido na sua occupação, sem dar attenção ao recenhegado. Rompeu o silencio o sapateiro: o sr. professor me chamou para lhe tomar medida, aqui estou. Só então o professor se voltou e apenas, levantando o pé, disse: *ahi tem*. O sapateiro indignado, respondeu: *Perdão, sr. professor, eu sou o sapateiro e não o mestre ferrador.*

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE DE LOJISTAS DE CALÇADO

Ex.^{mos} Srs. Presidente e mais membros do Conselho Superior do Commercio e Industria, junto ao Ministerio das Obras Publicas.

A CLASSE dos fabricantes de calçado existentes na cidade do Porto, recentemente constituídos em collectividade social sob a denominação de *Associação Industrial Portuense dos Lojistas de Calçado*, vem, com o maximo respeito e acatamento perante V. Ex.^{as}, em conformidade com as circulares emanadas d'esse Conselho, expôr as rasões que lhes parecem mais conformes com os seus interesses e os do paiz, relativamente ao tratado ou tratados de commercio, que por ventura se tenham de ajustar com paizes estrangeiros a começar no proximo anno de 1892.

A industria do calçado em Portugal, com quanto antiquissima e relativamente aperfeiçoada na sua especialidade, está ainda n'um tal grau de atrasamento nos processos de fabrico, está ainda tão dividida, tão deslocada, que podendo e devendo constituir, em face da grande evolução social, um poderoso ramo de trabalho nacional, não passa d'uma pequena industria deficiente por mil modos, e extremamente mesquinha e infesada, á falta de seiva vivificante que a ampare e anime, insuflando-lhe nova vida afim de que, possa attingir a musculatura e robustez de que é susceptivel.

Em toda a parte, nas cidades e nas villas, nas povoações ruraes assim como nos lugares mais afastados dos pequenos centros, lá se encontra o sapateiro vegetando atropiado por mil difficuldades, que lhe tornam a vida pesada, mas, que, em lucta constante com a desdita, apesar do meio acanhado e falta de conforto, em que vive, procura emancipar-se da tutela fatal que o traz amarrado ao pótro da adversidade.

Similhantermente ao Sisypho grego, passam a vida rolando constantemente o seu penedo por sobre a montanha, cheios de esperanças fagueiras, sem que todavia possam attingir o cume, e se o attingem, eil-os outra vez na base, para de novo repetir o seu martyrio.

Não se póde dar uma ideia cabal da misera existencia que arrastam muitos nossos collegas, nas suas pequenas officinas, sobrecarregados de familia, que por exigencias da civilisação teem de apparentar um desafogo e bem estar inteiramente ficticios, não só nas pequenas povoações, como muito especialmente nas cidades, como o Porto.

Quaes são pois os motivos causadores d'este mal estar? é o que vamos, posto que succintamente, expor perante o esclarecido criterio de V. Ex.^{as}

Ninguem ignora os progressos assombrosos que a mechanica tem introduzido nas industrias das nações mais adiantadas da Europa e America. O amor ao trabalho ou a avidéz de interesses, fez crear empresas grandiosas, dispondo de poderosos capitaes, as quaes tendo á frente engenheiros abalisados ou technicos distinctissimos, teem estudado constantemente a simplificação e melhoramento dos processos de fabrico, afim de não só dar unidade aos productos manufacturados, como sobretudo tornal-os baratos de fórma a poder com vantagem conquistar mercados, augmentando assim mais

e mais o seu movimento e por consequencia a sua produção.

A industria do calçado não tem sido alheia a este virtiginoso movimento, pois que o duello continuo entre algumas fabricas inglezas e outras norte-americanas parece tornar-se indefinido.

Ainda ha poucos annos parecia impossivel aos nossos collegas d'esta parte do paiz, o poder-se confeccionar, por meio de machinismo, as solarías em calçado superior, suppondo elles portanto a sua industria a coberto de innovações, que derrotariam, com o andar dos tempos, por completo o trabalho manual.

Hoje essa supposição vae desaparecendo do espirito dos mais esclarecidos, á vista do progressivo desenvolvimento mechanico, empregado nas grandes fabricas de calçado em Inglaterra, França, Austria, Belgica, etc, etc.

Em face, pois, da perfeição relativa do calçado assim fabricado, sobretudo da sua espantosa barateza, a industria nacional da sapataria assusta-se e com rasão, pois que, á mingoa de grandes centros manufactores dentro do paiz, servidos por capital sufficiente, que podessem dar melhor collocação ao pessoal dissimulado por milhares de miseraveis officinas, o que nos parece irrealsavel ainda por muitos annos, attendendo á apathia que nos caracteriza, ao restricto consumo interno, e sobretudo ao afastamento, á negação que os nossos homens de dinheiro teem por taes empresas.

Receiam, portanto, os nossos collegas, uma maior invasão dos calçados feitos por mechanica provenientes das grandes fabricas estrangeiras, que favorecidas por um direito de importação quasi nullo em face do pouco custo dos productos, anniquilem por completo os pequenos estabelecimentos e officinas existentes, em virtude da nossa impossivel competencia a muitos respeitos e especialmente nos preços.

Para darmos uma ideia da nossa plena incompatibilidade, bastará dizer-se que, o trabalho que um nosso habil operario faz em um e dois dias, na sollagem d'um córte preparado qualquer, se faz alli pelos processos mechanicos em duas horas e menos.

Eis, pois, os motivos por que esta Associação pede com instancia a elevação dos direitos d'entrada pelas alfandegas dos calçados estranhos, julgando assim, sustentar por algum tempo a ruina completa de muitos dos seus membros, e dar trabalho a milhares de operarios, que, sem elle, seriam um serio perigo para a sociedade em geral.

Posto isto esta Associação pede venia para indicar a V. Ex.^{as} outras causas secundarias que se prendem com o mal estar geral da industria do calçado n'este paiz, e fazer algumas considerações conducentes a remediar em parte esse mal, por meio da protecção official a que julgamos ter direito.

Uma das causas principaes da difficuldade com que lucta a nossa industria nas casas de maior movimento, é a falta de exportação.

Houve tempo em que de Portugal seguia com destino ao Brazil bastante calçado fabricado aqui e em Lisboa, porém tudo isso acabou, não obstante o patriotismo ardente que ainda anima muitos de nossos compatriotas alli residentes. Fomos, pois, expulsos d'aquelle

mercado pelas razões expostas, o não podermos competir com o estrangeiro.

Hoje á vista da espantosa criação de empresas colossaes destinadas a todos os fins, alli recentemente constituídas, especialmente no Rio e S. Paulo, inclusive grandes fabricas de cortumes e surragens pelos processos mais rapidos e aperfeiçoados, assim como a installação de grandes fabricas mechanicas de calçados em larga escala, tendo para animal-as um direito bastante protector, tornam a nosso vêr completamente perdidos para nós os mercados dos seus numerosos portos.

Resta-nos pois uma esperança, as nossas colonias.

Damos, por isso, a palavra a um nosso illustrado collega, transcrevendo d'um relatório seu, enviado a esta Associação, a parte que diz respeito ao assumpto, convido notar, que perfilhamos as suas opiniões como nossas proprias.

Diz o nosso collega:

«Perdido, pois, aquelle mercado (o Brazil), ha mais tempo que se deveria ter olhado para as nossas possessões d'alem mar. Mas, infelizmente, as pautas das nossas colonias mais parecem convidar os estrangeiros a exportar para alli os seus artigos, do que offerecer um futuro aos nossos industriaes.

«Olhando para o consumo, que o calçado estrangeiro tem nas nossas possessões, até pelo nosso exercito, e confrontando os estreitos limites, em que se debate a nossa industria de calçado, é deveras para lamentar que não seja aproveitado por portuguezes o que estranhos desfructam, quando o remedio se acha tão facil nas mãos dos que presidem aos destinos do paiz.

«Como acima dizemos, as tarifas aduaneiras para a entrada do calçado estrangeiro em algumas das nossas alfandegas coloniaes, é tão insignificante que bem facilita a concorrência estrangeira. Dissemos em algumas, porque n'outras ha, taes como Quelimane e Guiné, onde a entrada do calçado estrangeiro é livre.

«Na India, pelo tratado com a Inglaterra celebrado em 26 de dezembro de 1878, não existe direito algum para o calçado, e é por isso que alli se consome grande quantidade de calçado inglez.

«No intuito, pois, de vêr se ainda é possível aproveitarmos os nossos mercados da Africa para o consumo dos nossos calçados, parecia-me que a nossa Associação deverá propor ao Ex.^{mo} Conselho Superior do Commercio e Industria, para que as tarifas de todas as nossas colonias sejam eguaes ás que a nossa Associação tenciona apresentar para a metropole para todos os calçados estrangeiros, e que seja livre para os nossos productos nas alfandegas coloniaes.»

Sente esta Associação ter occupado demasiadamente a attenção de V. Ex.^{as}, e por isso omitta outras razões que poderia adduzir motivando o estado decadente da nossa classe, posto que, estas mais se prendam com as attribuições dos poderes publicos do que com os tratodos de commercio.

Apresenta pois a sua lista de taxas pautaes para serem cobradas nas alfandegas por importação de calçados estranhos.

Porto, em assembléa geral da Associação Industrial Portuense dos Lojistas de Calçado de 27 de Outubro de 1890.

O presidente

João Pinto

O secretario

Julio Cezar Gomes da Silva

A tabella que acompanhava esta representação foi posteriormente substituída, de accordo com a Associação de Lisboa, por outra que se lê adiante a pag. 23.

Ill.^{mas} Ex.^{mas} Srs. Presidente e mais membros do Conselho Superior das Alfandegas.

A Associação Industrial Portuense dos Lojistas de Calçado, recentemente instituída para advogar e defender os interesses da classe dos fabricantes de calçado no Porto, conhecendo que uma das principaes causas que mais afflige a industria do calçado nacional é a importação estrangeira, pretende empregar todos os esforços para evitar tão grande mal.

Tendo sido lido em diferentes jornaes o convite ás industrias do paiz feito pelo Conselho Superior das Alfandegas, em 4 de Dezembro ultimo, foi resolvido em sessão de direcção de 24 de fevereiro ultimo dirigir-se esta Associação a V. Ex.^{as}.

Já em Outubro do anno findo a Associação enviou uma representação ao Conselho Superior do Commercio e Industria, na qual, minuciosamente expunha o estado critico da industria de calçado opprimida por muitos males, entre elles o da concorrência do calçado estrangeiro.

Nessa representação foi apresentada uma tabella de novas taxas para o calçado, que esta Associação em assembléa geral de 27 de outubro de 1890 approvou.

Como porém a Associação Industrial dos Lojistas de calçado, de Lisboa, tivesse tambem proposto uma tabella de taxas, e não sendo ambas eguaes na nomenclatura e importancia das taxas, posteriormente se combinou procurar o accordo de ambas as Associações para uma unica proposta a fazer, tendo em attenção principalmente a redacção a evitar duvidas na classificação, quando o artigo mettido a despacho.

O resultado do accordo, a tabella definitiva, é hoje apresentado a V. Ex.^{as} n'esta representação. E para a justificar, faremos as seguintes considerações:

1.^a A industria de calçado nos paizes mais adiantados e que mais exportam para o nosso paiz, tem de tal forma progredido, auxiliada pela mechanica, que os seus productos apesar das despesas de transporte e direitos, que actualmente pagam são collocados no nosso paiz ainda por preços inferiores ao do nosso fabrico. A industria de calçado em Portugal luctando com esta concorrência, com a falta da precisa protecção e bem assim com a fraqueza de exportação, tarde e muito tarde chegará a attingir o actual estado de adiantamento auxiliado pela mechanica de que dispõem os nossos concorrentes e pela ordem natural das cousas quando Portugal tiver attingido a approximação d'esses melhoramentos, os nossos concorrentes terão aperfeiçoado os recursos de que hoje dispõem, e eis-os de novo promptos a supplantar os nossos productos pela barateza successiva. Por isso a tabella presente bem longe de ser excessiva deveria pelo contrario precaver-nos contra novas tentativas.

2.^a Por uma informação que obsequiosamente nos foi fornecida pela repartição competente da alfandega d'esta cidade do Porto, se demonstra que nos ultimos cinco annos foram importados do estrangeiro para esta cidade a enorme quantidade de 42.795 pares de calçado, sendo 19.547 com sola de couro, o que dá uma média de 8.559 pares por anno! Esta cifra é realmente importante para uma cidade como a do Porto, onde ha um grande numero de industriaes e operarios sapateiros, que durante uma boa parte do anno luctam com a miseria devida á escacez do trabalho, quando aliás esta cifra fabricada no paiz, minoraria as difficuldades a um grande numero de officiaes, costureiras e mais pessoal que vive d'esta manufactura.

3.^a Depois do que esta Associação deixa succintamen-

te apontado, deseja mostrar d'um modo positivo o quanto andaram erradamente aquelles que estabeleceram sem distincção de qualidades o direito convencional de 400 reis em par de calçado com sola de couro.

Exemplifiquemos. Para um par de sapatos de setim de seda são precisos 50 centímetros de fazenda, que peza aproximadamente 60 grammas, que paga segundo a tarifa 380 reis, addicionando-lhe laços, saltos de madeira, forros, etc, que tudo é importado do estrangeiro, veja-se a quanto isto attinge; emquanto que, importando os sapatos já confeccionados, pagarão apenas 400 reis.

Para um par de botas de seda, são necessários 80 centímetros, que pagam de direitos 520 reis, juntado-lhe os outros accessorios também importados fica toda a materia prima para este genero de calçado pagando mais direitos do que importando as mesmas botas já confeccionadas.

Para um par de botas de montar, que sendo de couro da Russia, pesam ordinariamente 2 kilos, são necessários 3 kilos de cabedal para a sua confecção, pagando este 1080 reis de direitos, addicionando-lhe forros, puxadeiras etc, que tudo importamos, calcule-se a quanto attinge, tendo em attenção que só o couro exterior pagou 1080 reis. Pois estas botas feitas, apenas pagam 400 reis de direitos.

Segue a tabella que propomos por accordo das duas Associações.

Botas de sola de couro ou polainas, de cano de altura superior a 30 centímetros	par 20000
Calçado de setim ou tecido contendo seda	10500
Dito de couro ou outro material com sola de couro, tamanho superior a 21 1/2 centímetros	10200
Dito de couro ou outro material com sola de couro, tamanho inferior a 22 centímetros	800
Dito não especificado	400

Porto e sala da Associação Industrial Portuense dos dos Lojistas de Calçado, 7 de março de 1891.

O presidente da direcção

João Pinto

De accordo. Pela Associação Industrial dos Lojistas de Calçado. Lisboa, 9 de março de 1891.

O presidente

Manoel Gomes da Silva

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Presidente e mais membros da commissão revisora das pautas coloniaes.

Os abaixo assignados, representantes da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado (de Lisboa) e da Associação Industrial Portuense dos Lojistas de Calçado, informados de que V. Ex.^{as} se occupam activamente de preparar os projectos das novas pautas coloniaes, julgam conveniente prestar alguns esclarecimentos sobre a industria do calçado, e reclamar para ella beneficios de que não pode prescindir.

E' dos mais importantes ramos industriaes o da sapataria; occupa immenso pessoal, e numerosos estabelecimentos de fabricação e venda; dependem d'elle variadas industrias, a dos cortumes, e muitas outras; os valores no movimento de todas sendo por isso importantissimos. Merece a attenção dos poderes superiores, é digna de ser protegida contra os ataques da concor-

rencia dos industriaes estrangeiros, os quaes para a nação portugueza só servem para exploral-a e não para contribuir para os seus encargos.

A estatística que conhecemos apresenta a nossa industria do calçado em decadencia. Devemos isto a muitas causas, uma a facilidade com que se tem feito tarifas aduaneiras, sobretudo tratados de commercio, mais ao proveito dos estranhos.

Diz a estatística que a exportação do calçado tem diminuido extraordinariamente; sahidos 544:952 pares em 1885, tres annos depois em 1888 a estatística dá o numero de 205:194 pares; em 1889—189:693 pares, e nos dez mezes janeiro a outubro de 1890—89:048 pares.

A importação desenvolveu-se desde que os tratados de commercio reduziram a taxa pautal de 800 a 400 reis para cada par, seja qual for o seu valor ou qualidade! A estatística de 1888 dá a entrada de 16:247 pares, a de 1889—21:648 pares, a de 1890 em dez mezes de janeiro a outubro 12:045 pares.

A diminuição da exportação é devida principalmente ao maior desenvolvimento industrial do Brazil, o qual n'estes ultimos tempos maior força está tendo e á concorrência alli de nações mais adeantadas.

Por isso as colonias portuguezes são hoje a esperança para os industriaes da metropole.

E' grave n'esta occasião a missão dos que podem influir na confecção das tarifas coloniaes. Os industriaes nos tres principaes ramos do trabalho que produz e augmenta a riqueza publica, todos agora procuramos com anciedade nos mercados coloniaes o recurso unico para sustentar o trabalho nacional, e o que é mais o recurso para sustentar a independencia de Portugal, e a sua rehabilitação.

Os industriaes das nações mais adiantadas, que carecem de consumo ao seu cada vez maior valor de producção, que precisam achar a compensação da diminuição da sua exportação para a America, a qual ameaça a velha Europa de a dispensar e até de a supplantar; que encontram na grandeza, riqueza e actividade dos norte-americanos rivaes terriveis, que cada vez mais se adiantam, pela obra dos europeus descontentes que nos Estados Unidos vão procurar trabalho melhor remunerado e protecção mais certa, estão agora voltados a encontrar em Africa o que precisam ou lhes vae faltando em outros mercados.

Nenhuma nação foi maior em Africa do que Portugal e ainda hoje apesar das mutilações da cobiça extranha, e dos favores concedidos, elle possui extensa area, em que os seus homens poderão achar trabalho, e consumo ao producto das suas obras, sem maior dependencia dos mercados estranhos.

Mas para isto, é preciso que quantos influem na direcção dos negocios publicos tenham a maior cautella em não facilitar levianamente a exploração das nossas colonias com desvantagem para a metropole, e esquecimento de que primeiro *estamos nós*.

A entrada de calçados estranhos nas nossas colonias tem crescido e vae crescendo. Chegámos a ponto de funcionarios portuguezes na provincia de Moçambique não estremecerem de vergonha quando não tiveram escrupulo em auctorisar o fornecimento pela industria ingleza de botas para os nossos soldados da Africa Oriental!

Não somos nós que fornecemos de calçado os nossos mercados de Timor e Macau.

Um tratado, prejudicial a Portugal, como todos quantos se fazem com a Gran-Bretanha, entregou o nosso mercado da India á exploração ingleza. Bombaim é principalmente a fornecedora de Gôa. O calçado inglez tem entrada livre n'aquella colonia portugueza.

Na Africa Oriental o direito d'entrada é nullo ou quasi nullo. Idem em Ambriz e na Guiné. Apenas se encontra uma sombra de protecção nas alfandegas de Cabo Verde, S. Thomé, Loanda, Benguella e Mossamedes.

Já votou a vossa comissão a entrada livre na provincia de Guiné para o calçado estrangeiro. A industria do calçado terá assim de não contar com esse mercado.

Pelo que a imprensa tem noticiado, a vossa comissão tenciona propôr na pauta de Cabo Verde o imposto de 20 por cento *advalorem* sobre o calçado, que não sendo artigo especificado será envolvido nas mercadorias diversas não mencionadas.

Protestamos em primeiro logar contra a taxaçoão *ad valorem* para o calçado. Temos ouvido e lido desde muitos annos condemnar nas tarifas da metropole este systema. Estabelecer francamente para um grande numero de mercadorias semelhante taxaçoão é para surpreender, quando a experiencia já a condemnou com bastante fundamento.

Nas colonias, onde a fiscalisaçoão não pode ser muito rigorosa, aonde a convivencia dos poucos moradores europeus estabelece intimidades que obrigam ao maior numero de contemplaçoões, não podemos acreditar, (e já o sabemos por experiencia) que as facturas e as declaraçoões dos seus valores sejam verdadeiras. E assim qual será o direito que pagará um par de calçado na alfandega de Cabo Verde? ficamos desconhecendo qual seja dependente do acaso ou do sophisma do importador.

O nosso empenho é que o producto portuguez entre na colonia livre.

Para o artigo estrangeiro é nosso empenho que vigore sempre que seja possivel a pauta da metropole, e quando haja divergencia, a maior percentagem possivel sobre as taxas estabelecidas na dita pauta.

A nossa classe acaba de reclamar ao Conselho Superior das Alfandegas, a seguinte tabella para a metropole.

Botas ou polainas, cano excedendo 30 centímetros, par	réis	27000
Calçado de setim ou de tecido contendo seda, par.....		17500
Dito de couro, ou outro material com sola de couro, tamanho superior a 21 1/2 centímetros		17200
Dito de couro, ou outro material com sola de couro tamanho inferior a 22 centímetros..		800
Dito não especificado.....		400

Desde que os calçados são bastante variados em qualidades e valores, nós combatemos a taxa unica para toda a qualidade de calçado.

Faltando-nos elementos para vos fazer uma reclamaçoão para cada provincia colonial, desde que para todas não se pode applicar regimen igual, faltando-nos a estatística desenvolvida por artigos da importação estrangeira nas colonias, não podemos n'este momento pedir-vos senão que tende em consideração o trabalho nacional da metropole; que é esta que até aqui tem feito e continuará fazendo os sacrificios precisos para acudir ás finanças e fatalidades das suas colonias.

A desconsideração que o trabalho nacional tem supportado por largo espaço de annos, concorreu poderosamente para o mau estado economico do paiz e sobre tudo para o esmorecimento de que geralmente está possuida a grande maioria dos portuguezes que dependem para viver do trabalho industrial nos seus variados ramos.

São-nos precisos finalmente os mercados colonias para garantir o nosso trabalho.

Lisboa 10 de março de 1891.

Pela Associação Industrial dos Lojistas de calçado (de Lisboa.)

Manuel Gomes da Silva

Presidente da assembléa geral.

Pela Associação Industrial Portuense dos Logistas de calçado.

João Pinto

Presidente da direcção.

PORTARIA

Devendo ser preferidos para os fornecimentos do estado os productos da industria nacional sempre que a mesma industria os possa offerer em condições rasoaveis e sendo, entre outros, os productos correspondentes a vestuario e calçado das praças de pret, aquelles que com maior vantagem da metropole e das colonias podem ser preferidos pela industria do paiz; Sua Magestade El-rei, attendendo ás justas reclamaçoões de alguns industriaes portuguezes, manda pela secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar, que nos fornecimentos que houverem de ser contractados pelas provincias ultramarinas d' Africa, se observe o seguinte:

1.º Todas as vezes que houver de contractar-se qualquer fornecimento, farão as auctoridades provinciales publicar no *Boletim Official* e nos *jornaes* mais lidos da metropole os annuncios, contendo as condições com que os generos ou manufacturas devem ser fornecidos, e marcando, para a abertura das propostas o praso de tres mezes, a contar da data em que os annuncios forem publicados em Lisboa.

2.º Nas arremataçoões de generos colonias, como pão, carne e outros proprios da industria e commercio de cada provincia, a licitação recahirá sobre os preços correntes no mercado, sendo a adjudicação feita a quem se propozer fornecer por menos ou em melhores condições.

3.º Os fornecedores obrigar-se-hão a entregar os generos nos termos dos seus contractos e nos prazos determinados, fazendo-se requisiçoões com antecedencia rasoavel, ou mantendo os mesmos fornecedores nas provincias do ultramar depositos sufficientes ás urgencias do serviço.

4.º Os pagamentos serão effectuados no praso de 2 mezes depois de conferidas as entregas dos generos, ou pelo modo que no contracto se estipular.

5.º As auctoridades do ultramar enviarão com os annuncios os typos das manufacturas e artigos a fornecer, todas as vezes que seja possivel.

6.º Os licitantes prestarão cauçoão em dinheiro ás suas propostas. A cauçoão dará entrada nos cofres do ultramar, se alli residirem os proponentes, ou na caixa geral do deposito publico, se residirem no reino.

7.º A adjudicação de qualquer fornecimento ficará sempre dependente da approvaçoão dos governadores.

Paço, em 4 de dezembro de 1890 — *Antonio José Ennes.*

Secção Colonial

Porto Said 20 fevereiro. Recebemos carta d'esta cidade do nosso recommendado em viagem para Lourenço Marques o sr. Manuel Rodrigues Nogueira. Como colono, junto com os seus companheiros, foi alojado na 3.ª classe, na qual também dormiam os soldados da expedição. Relata os episodios da viagem, dias e momentos agradaveis, outros de susto para quem extranha o mar e viaja pela vez primeira. No Mediterraneo a miúdo se avistava terra, dos lados de Hespanha, do lado de Africa, e ilhas de vez em quando. Passaram Gibraltar de noute, observando a cidade illuminada como egualmente a outra de Tanger ao sul. Em frente de Malta parou o vapor *Loanda* para transmittir noticias para Lisboa, de terra foi cumprimentada a bandeira, a bordo a banda do batalhão tocou o hymno nacional, e o da expedição. Em Porto Said se fez cumprimento a um navio de guerra turco, e tocando a banda o hymno e varias peças de musica, concorreu á praia quantidade de gente.

Os colonos quasi todos extranharam a principio a falta do pão, tendo de comer bolacha. A comida era abundante, de manhã ás 8 horas café ou chá, depois ás 11 o almoço, repetindo-se o feijão com arroz, feijão com carne ou arroz com bacalhau. Alguns que menos se conformavam com a alimentação do rancho procuravam comprar a bordo, vinho a 300 réis o litro, pão torrado que não tem meio kilo a 140 réis, e outros generos por preços exorbitantes!

Parece ter razão o nosso amigo em reparar n'esta carestia e especulação, que não podemos crer que seja muito do agrado da administração da Empresa da Mala Real.

* *

Vapor Loanda.—Chegou a Zanzibar a 5 do corrente mez, e a 9 a Moçambique. Viagem 25 dias.

* *

Questão ingleza.—Correm rumores de noticias desagradaveis. E' inutil pensar que o nosso povo se resignará facilmente á vergonha das imposições dos nossos inimigos alliados.

* *

Lourenço Marques.—A' ultima hora, recebemos cartas d'esta cidade com a data de 9 de fevereiro. Falta espaço para publicarmos hoje toda a correspondencia que interessa aos nossos leitores. Havia chegado o sapateiro José Manuel da Veiga, que parecia satisfeito, ainda não tinha organizado a tabella dos preços do seu trabalho. Não extranha o clima, como militar já servira em Loanda e Moçambique. Um soldado de caçadores 4 tinha-se promptificado a concertar algum calçado ao nosso correspondente. Estavam funcionando já 5 estabelecimentos de portuguezes, 1 mercearia por grosso, 4 para comidas e bebidas. Em breve abria casa de commissões o sr. Celestino da Silva Pinto, que servira antes como agente da casa allemã de Lisboa do sr. Oswald Hoffman. Tinha sido recebida com alegria a noticia da formação em Lisboa da Companhia Portuguesa para construcções.

Secção bibliographica

O TABACO E O ALCOOL

LIVRO DO DR. ARMELIM

Extrahido de pag. 21

«São multiplos e terriveis os efeitos do tabaco ingerido sob qualquer forma.

«Enfraquece a vista, embota o olfacto, irrita a pituita, estraga o paladar, inflamma a bocca, exacerba os bronchios, excita os pulmões, atrophia o cerebro, determina palpações, accelera o movimento sanguineo, augmenta despropositadamente a temperatura e as pulsações cardiacas, altera e chega a suspender até as funcções do systema nervoso, origina cancos labiaes, gastralgias persistentes, dôres de cabeça frequentes, e dôres reumatoides vagas, produz o mau halito, excita as glandulas salivares; occasiona vertigens, nauseas e vomitos; engendra o tremor, a bronchites e a amaurosis dos fumadores; conduz á angina pectoris; amarellece e bronzea a pelle; debilita e enerva o corpo, e, segundo alienistas notaveis, o augmento do numero dos loucos é proporcional ao augmento de consumo do tabaco.»

Extrahido de pag. 79

«O terrivel vicio do alcool tem-se alastrado extraordinariamente por todas as classes sociaes, tem germinado por toda a parte porque, como o do tabaco, tem sido cuidadosamente cultivado no vasto campo da ignorancia e alimentado pelo crescente enfraquecimento das vontades. Ainda como o tabaco, o alcool, nos seus primordios, só era fornecido ao publico por prescripção medica, como qualquer outra droga; só era usado como elemento therapeutico; só sahia por gottas das pharmacias. Hoje, desgraçadamente, é consumido á vontade por toda a gente; é tornado discricionariamente segundo o gosto ou appetite, a paixão ou vicio de cada qual; e, pelas descobertas da sciencia e pelos progressos da industria, multiplicaram-se as fontes do veneno, e essas poucas gottas transformaram-se em caudalosas torrentes.»

Secção de Estatistica

Calçado importado pela Alfandega do Porto

Annos	Sola de couro	Não especificado	Total
1886, pares.....	3:407	4:223	7:630
1887, »	2:723	4:116	6:839
1888, »	3:750	4:638	8:397
1889, »	5:815	5:895	11:710
1890, »	3:843	4:376	8:219
Total pares..	19:547	23:248	42:795

No anno da guerra á industria ingleza, houve menor importação. Esperamos tenham perseverado no mesmo proposito os srs. commerciantes do Porto.

NOVA LOJA DE SOLA

DE

JACINTHO & EUGENIO

Jacinto Pereira Roldão e Eugenio José da Silva, participam aos seus amigos e ao publico que abriram sob a firma Jacinto & Eugenio, na rua do Amparo n.ºs 13 e 15 um estabelecimento para venda de sola, cabedades e outros artigos para a arte de sapataria, com um variado sortimento a preços modicos.

ESPECIALIDADE EM ARTIGOS PARA CALÇADO
JACINTHO J. RIBEIRO



Este muito conhecido estabelecimento acaba de receber um novo e grande sortimento de fôrmas francezas de todos os modelos, perfeitamente acabados, que muito devem satisfazer os compradores do artigo; dois de completa novidade d'accordo com as exigencias da ultima moda.

198, Rua dos Fanqueiros, 200—Lisboa

P. PLANAS

92, Calle de San Pablo, BARCELONA

Constructor de máquinhas especiales para la fabricacion de calzado
Miembro de la Academia Nacional de Paris, y de la Sociedade Cientifica Europea, de Bruselas
Premiado con medalla de oro
en Barcelona y Bruselas, y de plata en Paris y Buenos Ayres

Ofrece á los fabricantes e zapateros portugueses, toda clase de maquinaria la más perfeccionada que se construye en el dia, como lo acredita el haber montado las principales fabricas de España y Sud-America.

Envio de catálogos detalhados, segun demanda

MANUFACTURA DE COUROS ENVERNISADOS

BEZERROS PELLICAS E PRETOS ENGRAXADOS

GASQUIEL, — DONZEL

à AUBERVILLIERS (Seine, França)

Depositos em Paris, 30, rue de Rambuteau

REPRESENTADO POR DIEGO ARACIL

31, Magdalena, MADRID

FABRICA A VAPOR DE ALPARGATAS

DE

Gonzalez & Tejedor

197—Rua Occidental do Campo Grande—197

LISBOA

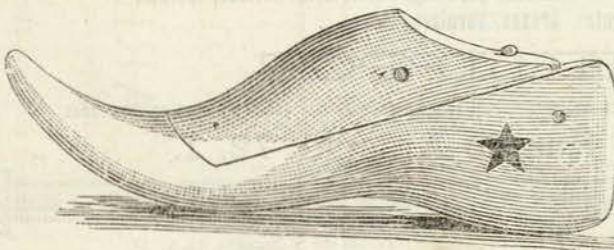
Diversidade de qualidades para homens, senhoras e meninos, para uso da rua, de casa e de banho.
Importantes melhoramentos introduzidos na fabricação permittem apresentar trabalho de confiança e de agrado para o publico. Preços baratissimos para revender.

UNICO DEPOSITO DE FORMAS ALLEMÃS

240, RUA DOS FANQUEIROS, 242

CASA DE

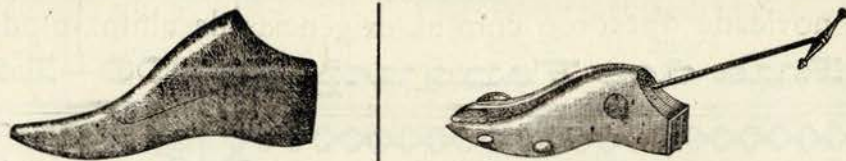
João Ignacio Romão



Recebe successivas remessas d'estas acreditadas fôrmas para calçados de homens, senhoras e rapazes, feitas por seis modelos os mais modernos

F. CUNHA

DEPOSITO POR GROSSO
DE
MATERIAS PRIMAS PARA CALÇADO



Unico depositario em Portugal das
acreditadas fôrmas para calçado de Belvallette Frères,
em diferentes modelos

67, RUA DO CRUCIFIXO, 67
LISBOA

13

LOJA DE FERRAGENS

16, RUA DO AMPARO, 16 — LISBOA

N'este estabelecimento encontra a sapataria um abundante sortimento de varios artigos de seu consumo, taes como **prego, carda e broxas, das melhores fabricas; fio, sedas, botões, etc.** As melhores ferramentas do officio, como **torquezes, facas, grozas, buxetes, etc.** Encontram-se n'esta casa os **ferros de caixa e as caixas de esporas**, do fabricante **ROBERTO**, o melhor d'actualidade. Todas as encomendas por atacado teem desconto e as de mil kilos para cima, enviam-se pelos caminhos de ferro com transporte gratis — as de 500 kilos pagam só metade do transporte. Agora se recebeu a **gommalina** que substitue com grande vantagem a colla ou massa anteriormente empregada no officio.

14

Pedidos dirigidos a **ANTONIO PAES BAETA**

PRODUCTOS FRANCEZES RECOMMENDADOS

Cabritos pretos, glacés e dourados, Couros envernizados
bezerros mégis e ditos em cabelo, Pellaria de côres, cabras, cabritos e vitellas
Couros para equipamentos, correaria e sellaria, Correias de transmissão

Vitellas pretas e brancas

Fornecimento variado e completo de miudezas para sapateiros, como fôrmas, ilhozes,
ferramentas, graxas, vernizes, etc.

E. PHILIPPOT

Representante em Lisboa de fabricas francezas bastante acreditadas, por conta das quaes promove encomendas

Escriptorio — Rua do Arsenal, 72, 1.º

15